



**COMUNICON 2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## **Politizando a *episteme* comunicacional: práticas ativistas e narrativas autobiográficas nas metodologias de estudo das culturas juvenis<sup>1</sup>**

Rose de Melo Rocha<sup>2</sup> – PPGCOM-ESPM

Simone Luci Pereira<sup>3</sup> – PPGCOM-UNIP

Resumo: Este artigo se assume como uma proposta teórica para a reflexão sobre as práticas e narrativas juvenis ativistas, aqui vistas como questão central para pensar juventudes, comunicação e política. Analisando as complexas relações entre o chamado capitalismo cognitivo e a produção de conhecimento, assume-se a ênfase comunicacional como chave de leitura. Partimos de uma experiência empírica advinda de um estudo de campo com jovens ativistas brasileiros, apreendidos desde suas práticas e narrativas sobre a comunicação, o consumo e a política. Nelas localizamos formas da resistência em tempos de totalitarismos subjetivos, de mercantilização ininterrupta do desejo e de gerenciamento cognitivo de olhares e libidos. Indo em direção a entre lugares de produção de saber, assume-se que o saber-pensar e o saber-narrar são peças políticas fundamentais deste poder-fazer ativista. Negociando com astúcia e criticidade com o canto das sereias do capitalismo cognitivo, com sua ideologia da economia criativa, com sua temporalidade do êxtase e da presentificação, os jovens ativistas constroem suas redes colaborativas, ocupando a cidade e o espaço virtual, cujas fronteiras borram e ultrapassam.

Palavras-chave: ativismo juvenil; episteme comunicacional; narrativas autobiográficas.

### **Podem os investigados narrar? Epistemologias da escuta**

Os estudos sobre a juventude têm em seu marco histórico inicial algumas variáveis significativas. De um lado, nota-se o crescente interesse em suas potencialidades emancipatórias e contestatórias. Rebeldes, potentes, revolucionários, também serão percebidos como sendo perigosos, impulsivos, descontrolados e inconsequentes. Estes atributos díspares e tantas vezes dicotômicos marcavam uma binariedade reflexiva, mas igualmente impactavam em termos do trato institucional destes sujeitos sociais – geracionais, ao menos em princípio. Em outra direção, a emergência dos

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho COMUNICAÇÃO, CONSUMO E NOVOS FLUXOS POLÍTICOS: ativismos, cosmopolitismos, práticas contra-hegemônicas, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

<sup>2</sup> Professora e Pesquisadora do PPG Comunicação e Práticas de Consumo – ESPM. Bolsista Produtividade do CNPq. Doutora em Comunicação. Pós-Doutora em Ciências Sociais – Antropologia. Email: [rocha@espm.br](mailto:rocha@espm.br)

<sup>3</sup> Professora e Pesquisadora do PPG Comunicação e Cultura Midiática – UNIP. Pós-Doutora em Comunicação. Pós-Doutora em Ciências Sociais, Niñez y Juventud. Doutora em Ciências Sociais – antropologia. Email: [simonep@uol.com.br](mailto:simonep@uol.com.br)



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

jovens como atores públicos relevantes mobilizou a atenção não só do Estado, mas também de setores do mercado, que logo perceberam ali estar um filão considerável de consumidores em potencial (Feixa, 2014; Martín-Barbero, 2017).

Como bem demonstra Edgar Morin (2006), a descentralização da cultura de massas já no final dos anos 1950 foi um solo fértil para a produção em larga escala de representações sobre as juventudes. Foram muitas as produções cinematográficas a se dedicarem a narrativizar e glamourizar a saga de jovens rebeldes e *outsiders*, e este manancial narrativo não era necessariamente refratário ao consumo por parte de setores médios, inclusive junto a franjas conservadoras. Com a ascensão das megalópoles mundializadas, e, igualmente, com o acirramento das desigualdades sociais, consolidou-se um modo de representar aos jovens que incidia no citado viés dicotômico: belos, corretos, vitoriosos; perigosos, explosivos, incontroláveis. Surge daí uma grande questão. Em que medida à juventude se relega uma condição de subalternidade, em um sentido muito específico: por que se fala sobre ela ao invés de escutar suas vozes?

Quando iniciamos nossos estudos sobre as juventudes brasileiras, no início dos anos 2000, um dos principais norteadores que se apresentavam – e marcaria o diálogo com uma rede internacional de juvenólogos posteriormente institucionalizada junto à CLACSO (Confederação Latino-americana de Ciências Sociais) – presumia a articulação entre concepções teóricas, protocolos metodológicos e as próprias narrativas dos sujeitos das investigações. Nesta postura epistemológica, teoria e metodologia estão intrinsecamente conectadas. Ou seja, não há princípio teórico soberano que se sobreponha à prática de pesquisa e aos achados do campo. Da mesma forma, não se espera por algum tipo de supremacia empírica que explique as coisas *como elas de fato são*, revelando-se então a verdade, a essência ou fundamento últimos. Esta prática requer, por sua vez, a proposição de novas articulações teórico-conceituais que emergem do processo da investigação, e irão permitir a análise final. Esta implica igualmente em um esforço por mapear as narrativas e os modos de narrar dos sujeitos investigados, com suas subjetividades e alteridades constituídas e autônomas.

Concatenando repertórios da comunicação e da antropologia, nossas investigações não estiveram centradas nas representações midiáticas da juventude, mas no levantamento e contextualização crítica de suas práticas e das narrativas expressas pelos próprios jovens, seja em situações controladas (entrevistas em profundidade; questionários; histórias de vida), seja em ambientes urbanos por eles frequentados (parques; feiras; festas; casas noturnas; bares; marchas;



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

manifestações), seja, posteriormente, em seus lugares-tempos digitais de atuação e re-apresentação (blogs; YouTube; Facebook).

Das narrativas juvenis, e também de seus modos particulares de se expressarem e se *dizerem*, percebíamos, no Brasil de onde atuamos, mas se estendendo para recantos outros do Sul Global, uma mutação significativa, que ganhou mais e mais importância quando setores juvenis retomaram o espaço público no início dos anos 2010, e o fizeram dilatando-o. Referimo-nos aqui ao fato de os jovens terem encampado muito claramente em seus modos de agir e de viver, em seus estilos de vida, e em seus regimes de vinculação e socialidade, as redes sociais e suas diferentes plataformas para atuar politicamente. A escuta constante, contínua, atenta e crítica destes narrares plurivocais que transitavam das urbanidades às digitalidades com extremo conforto e perícia, nos permitiram alguns aprendizados, que aqui gostaríamos de compartilhar.

As variáveis de investigação com as quais trabalhamos no início dos anos 2000 contemplavam as concepções juvenis sobre vida, morte, consumo e experimentação da violência<sup>4</sup>. Paulatinamente, e pela observação do modo como a comunicação e a cultura eram recursos constantes que elegiam para descrever suas percepções e também para se auto-representar, começamos a construir uma ênfase analítica que irá agregar as autoras deste artigo, a saber, através de diferentes articulações entre práticas de produção e consumo de base estética e uma sensibilidade dotada de *politicidade* (Rocha, 2012). Assistíamos ainda no Brasil à progressiva expansão do uso de dispositivos móveis na mobilização juvenil, tanto em ações protagônicas de narração, quanto no modo como passam a produzir e consumir cultura e informação de maneira descentralizada, curatorial e autoral.

Assim, ainda que, como dito acima, não tivéssemos por objetivo primeiro o estudo de como a mídia massiva representava a/aos jovens, estava claro desde o início que a comunicação, seus processos e materialidades, constituíam estruturalmente o modo de vida e as formas de expressão das juventudes. Ou seja, não foi nosso objetivo focar a análise na midiatização da juventude, mas, ao contrário, atentamo-nos à ressalva de Rossana Reguilo (2000) que afirma sobre a necessidade de encarar os jovens como sujeitos de fala, narrativa e enunciação.

Ao longo dos anos, a preocupação mais marcadamente política assume centralidade nas investigações, assim como à política se associam processos culturais de compreensão de si, dos

<sup>4</sup> Neste marco inicial destaca-se a colaboração com Silvia Helena Simões Borelli e Rita de Cássia Alves Oliveira.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

outros e do mundo vivido. O corpo e a cidade, neste caso, configuram uma chave de leitura fundamental a nossas investigações, e isto se dá muito efetivamente por serem igualmente marcadores fundamentais do narrar e do viver dos jovens que temos acompanhado em nossos estudos. O consumo midiático que emerge de alguns atores juvenis articula de modo conflituoso e tenso o *underground* ao *mainstream*. A gênese pós-massiva agregar-se-ia a ocupações da cidade que atestam o cruzamento das fronteiras entre real/virtual, indiciando mapas reticulares e *glocais* de movimentação juvenil.

Dialogamos aqui com a leitura proposta por Soares (2016), quando, referendando-se em Judith Butler (2015), propõe “uma atitude autorreflexiva em que o limite do olhar sobre o Outro é a condição existencial da escritura crítica” (Soares, 2016, p.73). Problematizando e pensando a partir de uma de suas últimas etnografias, o autor traça uma interessante correlação analítica entre experimentações da cidade, políticas do corpo, e a articulação – em termos de uma equação política original e complexa – entre os sujeitos e a cultura das celebridades, entendida como aparato simbólico que norteia “formas de estar no mundo, atribuir sentido às territorialidades e aos lugares, bem como inserir-se numa dinâmica que envolve consumo e cidadania – como propõe Néstor Garcia-Cancelini” (Soares, 2016, p.74).

Em caminho similar Fernandes e Herschmann (2015) enfatizam o quanto refletir sobre os fenômenos comunicacionais na atualidade implica em pensar nas relações aí estabelecidas com vetores como socialidades, identidades, produções materiais, círculos de informação e corporalidades que se perfazem e se inventam nas culturas urbanas. A proposta de uma cartografia à deriva, como propõem os autores, mostra-se como uma abordagem não linear que permite compreender as dinâmicas dimensões comunicativas da cidade para além das planificações urbanistas. Nas imprevisibilidades surgidas nestas práticas, ocorrem os processos de interação sensível dos corpos com os espaços da cidade. Uma cartografia das práticas culturais/musicais nas cidades implica, assim, numa metodologia que leve em conta processos, pistas, movimentos de atores, subjetividades e menos certezas e mapas pré-estabelecidos, abrindo-se a uma polifonia de narrativas e de escutas dos sons das cidades, bem como das práticas e movimentações dos jovens atores.

Neste sentido, surge a noção por nós trabalhada nos últimos anos, de uma *epistemologia da escuta* em que as corporalidades são matéria essencial na busca por uma episteme que, questionando a lógica cartesiana ocidental erigida sobre a visão e a razão, confere ao corpo, às audiovisuais,



COMUNICON 2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

ao olhar e à escuta uma possibilidade de compreender aspectos das práticas juvenis urbanas da atualidade, marcadamente fundadas nos usos performativos do corpo e nas subjetividades corporificadas em modos outros de atuar socialmente (Pereira, 2012; Pereira, 2017; Quintero Rivera, 2009). Se o nômade não é necessariamente aquele que não tem um lugar próprio, mas o que faz do deslocamento e dos trânsitos o seu lugar, a perspectiva de uma escuta nômade (Pereira, 2014) aqui remete a uma prática do ouvir na qual estariam implicadas a própria ideia de comunicação onde as vinculações passam pelas sonoridades e pela capacidade desta de afetar o corpo para além da visão (hegemônica na modernidade), despertando os demais sentidos e ativando uma participação com outros corpos e perfazendo fenômenos comunicacionais (Menezes, 2016).

Escutas da cidade e escutas das narrativas juvenis perscrutando sentidos muitas vezes encobertos por entendimentos redutores e essencialistas sobre o que seja o juvenil. Etnografias nômades ou cosmopolitas (Appadurai, 2004) que levam em conta conexões e redes de atores em múltiplos territórios que se articulam de diferentes maneiras não estáveis ou fixas em espaços pré-determinados, borrando fronteiras físicas e imaginárias. Um cosmopolitismo etnográfico (Hannerz, 1997) enfatizando mobilidades de várias ordens, geográficas e midiáticas, gerando fluxos e interações em múltiplas combinações.

Às imagens e políticas de audiovisibilidade produzidas pelos próprios jovens (Rocha, data) dirigimos um olhar quente, afetual e afetado. Não nos interessa, neste caso, uma análise essencialista ou endógena de tais visualidades. Antes, pensamos poder caminhar por estas trilhas imagéticas também com um olhar nômade, livre e cuja disposição, na inspiração benjaminiana, é também de uma deriva. Cartografia de matriz errante, nela buscamos, como o faziam os surrealistas, encontrar *point-de-capitons*, recorrências, chaves sensíveis, acasos reflexivos. Ali percebemos um contrato cronossensológico (Rocha, 1998) estabelecido entre os jovens e seus leitores. Reconhecendo que o projeto da colonização é também um projeto de colonização do Olhar, incidindo na objetualização do Outro, assumimos um diálogo com Prado (2015), em sua análise da comunicação na perspectiva das epistemologias do Sul. Isto significa dizer que nos interessa pensar a comunicação na contramão dos dispositivos midiáticos e a partir de uma outra política, a dos afetos.

A comunicação é caracterizada como campo tensivo e possui, ainda segundo Prado (2015), um efeito de inscrição: não depende da presença, é presença. Nesta direção, sonoridades, visualidades, tecnicidades e corporalidades juvenis são territórios narrativos de inscrição comunicacional e de ação biopolítica. Não falamos de juventudes em abstrato, nem de uma produção de conhecimento em abstrato.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Ao contrário, defendemos uma produção de conhecimento implicado, historicizado e nômade, rechaçando ao canto das sereias de um capitalismo ficcional e subjetivista, que busca nos convencer de que a ficção é realidade e de que a realidade se trata de um lugar onde se deve gozar sem interrupção. Nossa epistemologia é ela mesma pertencente ao território do estranhamento.

### Narrativas juvenis

Nesta etapa de nosso argumento gostaríamos de apresentar um de nossos principais achados, e é aquele que desejamos enfatizar no âmbito deste artigo. Estamos nos referindo aos ensinamentos epistemológicos que nos trouxeram os próprios jovens, que percebemos como sujeitos em uma direção não-essencialista, em sua condição histórica e em sua expressão subjetiva. Autonomia, autoria e competência enunciativa são constitutivas deste lugar político de bordas dilatadas e fronteiras expandidas, que emerge do cotidiano e a ele retorna. Para usar expressão recorrente em inúmeras das narrativas autobiográficas que vimos coletando ao longo de décadas de estudos com jovens urbanos, experiências desta natureza funcionam como efetivo *empoderamento* dos sujeitos implicados em tais acontecimentos e vivências. Pontuamos, contudo, a necessária e urgente problematização da gênese de tal expressão, posto que, obviamente, existem nela traços inequívocos do discurso do empreendedorismo e da lógica da superação neoindividualista e neoliberal.

Mauro Cerbino (2005), retomando proposições de Rossana Reguillo, insiste na terminologia *politicidade* como sendo a mais adequada para referir-se a ações juvenis de forte base estética, nas quais o corpo é definidor e demarcador de atitudes específicas e autônomas, caracterizando um exercício de subjetividade que é, ao mesmo tempo, uma recusa consciente do assujeitamento. A dimensão política da comunicação que está sendo proposta evidencia justamente um “quê-fazer” que provém da vida cotidiana, das práticas estratégicas de vinculação e participação e que pressupõe ser o corpo uma mídia. Segundo explica Cerbino, “o corpo é elemento mediador e lugar de enunciação de uma nova politicidade, de um modo de ocupar e dar sentido ao espaço público e de construir uma cidadania cultural mais além da de direito.” (Cerbino, 2005).

Concordamos com Reguillo quando ela diz que cabe aos juvenólogos rechaçar veementemente as representações midiáticas simplistas e dicotômicas sobre os e as jovens. Partilhando desta postura, adotamos por princípio epistemológico fundante o fato de assumirmos estar diante de sujeitos de ação e de sujeitos de discurso (Reguillo, 2000). Pensamos as



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

epistemologias produzidas pelos próprios jovens, ou seja, como descrevem e narram a si mesmos e como se perguntam sobre os outros resulta em uma metaleitura, dissensual em relação às colonialidades adultocêntricas e dando visibilidade ao relacionamento perturbador entre sujeito e objeto.

Apresentamos assim um esforço reflexivo que concatena um debate teórico a uma experiência empírica advinda de um estudo de campo com jovens ativistas brasileiros<sup>5</sup>. Ativistas, alternativos e engajados embora, no caso em questão, rechacem dinâmicas e lógicas de funcionamento do capitalismo e das indústrias culturais, declaram-se usuários fervorosos de diferentes ferramentas e redes tecnológicas, beneficiando-se da comunicação pós-massiva na produção e no consumo intenso de conteúdos e formas midiáticas, fundamentais não apenas para sua consciência de mundo, mas também para constituir e consolidar seu *ethos* ativista.

Este exercício empírico nos serve de referência para enunciar aquilo que Paul Beatriz Preciado (2014) chama de “contralaboratórios”<sup>6</sup>, locus por excelência das formas da resistência em tempos de totalitarismos subjetivos, de mercantilização ininterrupta do desejo e de gerenciamento cognitivo de nossos olhares e de nossa libido pela indústria “farmacopornográfica” (Preciado, 2014). É nesta ordem do contralaboratorial que nos dirigimos a narrativas e práticas ativistas, e, para tanto, não falaremos em nome de qualquer ativista ou militante, mas, na verdade, organizamos e problematizamos o que emerge destas falas, a partir da ênfase dada por seus próprios autores.

As noções de narrativa/narratividade são entendidas como instrumento teórico e metodológico, bem como categoria epistemológica (Vila, 1996) capaz de se referir às formas com que atores sociais concretos se apropriam de suas experiências. As narrativas coletadas nos servem de base para identificar e compreender como, efetivamente, os jovens ativistas atuam em contextos capitalistas estruturados em torno de ideologias que enfatizam valores como criatividade, desempenho, flexibilidade, empreendedorismo. Também buscamos analisar como estes jovens, no modo através do qual se comunicam e constroem suas trajetórias de vida, equacionam, em seu

<sup>5</sup> Trata-se da pesquisa “O que consomem os que não consomem? Ativistas, alternativos, engajados”, sediada na cidade de São Paulo/Brasil e coordenada pelas autoras deste artigo, com financiamento do CAEPM-ESPM.

<sup>6</sup> “Mas não apenas a ciência tem este poder performativo. A arte e o ativismo se parecem com as ciências de laboratório. Tem também o poder de criar (e não simplesmente de descrever, descobrir ou representar) artefatos. [...] a arte, a filosofia ou a literatura podem funcionar como contralaboratórios virtuais de produção de realidade” (Preciado, 2014, p.35; tradução nossa).



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

benefício e na consolidação de vínculos colaborativos, as demandas capitalistas às suas próprias exigências subjetivas.

As narrativas que surgem nos relatos dos 18 jovens ativistas investigados emergem do método de indagar sobre suas histórias de vida na busca pela compreensão de suas experiências e das formas de construção de sentidos de si pela via do relato oral. Nestas, nos contam sobre suas trajetórias como ativistas e sujeitos com voz, e sobre suas práticas e concepções acerca do consumo, das mídias, da comunicação e da política entremeadas pelos fios da memória (que contem lembranças e esquecimentos, atos voluntários e involuntários) em que regimes de historicidade do contemporâneo se mostram presentes (Hartog, 2011), construindo particulares noções de temporalidade nas culturas juvenis urbanas e midiáticas. Entre espaços de experiências e horizontes de expectativas tecem suas articulações entre passado, presente e futuro, acumulando e atualizando tempos vividos e projetando maneiras de ser e viver no futuro em outros mundos possíveis.

Entendemos que os ativistas constituem redes muito particulares de apropriação e uso dos regimes de temporalidade urbanos e tecnológicos. Assim é que, mais do que demonstrar o espraiamento tentacular das forças moventes do capitalismo contemporâneo – este que se diz cognitivo e que exige o criativo como sua mais cultuada ideologia – buscaremos identificar algumas das fissuras e brechas que vislumbramos neste sistema, indo em direção a entrelugares subjetivos de produção de saber, e assumindo que, nestes espaços, o saber-pensar e o saber-falar são peças políticas fundamentais das táticas do poder-fazer ativista. Tecendo estas brechas, por entre e fora das bordas, negociando com astúcia e criticidade com o canto das sereias do capitalismo cognitivo, com sua ideologia da economia criativa, os jovens ativistas que entrevistamos, moradores da maior cidade do Brasil, constroem suas redes colaborativas, ocupando a cidade e o espaço virtual, cujas fronteiras borram e ultrapassam.

Nesta negociação com as gramáticas do capitalismo contemporâneo, globalizado e, em nosso caso, “latinoamericanizado”, entendemos que o modo como estes jovens narram a si mesmos e ao mundo em que vivem, equacionando ainda, com maior ou menor sucesso, o contexto de crise econômica, instabilidade democrática, precariedade ou precarização do trabalho, nos oferece rotas importantes para vislumbrar possibilidades de politizar a hiperestesia do próprio campo comunicacional em contextos de ampla digitalização da cultura. Contextos que precisam ser pensados por um viés decolonial o qual, longe de essencializar e homogeneizar identidades de





COMUNICON 2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

maneira indiferenciada e indiferente, assumem os desafios de pensar a diferença (Bhabha, 2001) como possibilidade epistêmica e política de escapar de binarismos, reducionismos e teleologias de matriz eurocêntrica (Leetoy, 2016), compreendendo nossas realidades latino-americanas em suas especificidades, hibridismos, descontinuidades em que as culturas midiáticas, a comunicação e as tecnicidades (Martín-Barbero, 2004) têm papel crucial e podem ser espaço de elaboração de resistências e formas alternativas de ação, criação e experimentações.

O "giro decolonial" remete ainda a uma opção epistêmica, teórica e política. Neste aspecto, seu grande desafio – a superação da colonialidade do poder, do saber e do ser – implica forçosamente reconhecer que identidades plenas não são possíveis (Ballestrin, 2013) e por isso assume uma visão não essencialista. Parece relevante questionar se as práticas ativistas – que são propositivas e narrativas – permitem considerar que desde estes falares e fazeres emerge uma nova (geo)política do conhecimento sobre si e sobre o outro, uma territorialidade reflexiva que se apropria da digitalidade e da urbanidade, e a reinterpreta a partir de afetações particulares, gregárias, coletivistas e anti-individualistas.

Como nos dizem os jovens ativistas brasileiros, eles não querem apenas atuar politicamente, eles querem debater e avaliar esta atuação. Querem dizer quem são, a que vieram, o que pensam, o que desejam, o que lhes angustia. Iconoclastas, parecem cansados ou entediados daqueles tantos discursos que, desde os anos 1950, buscam dizer quem eles “verdadeiramente” são, invariavelmente reproduzindo a fórmula simplista e dicotômica da demonização/endeusamento. Estes críticos das máquinas de representação (das instâncias políticas tradicionais aos meios de comunicação massiva) atuam assim no sentido de tomar posse da palavra. E a disseminar. Um novo saber/poder emerge das narrativas ativistas.

Como argumenta Aguilera (2008), mergulhados em cenas de intensa tessitura tecnológica e comunicacional, os jovens criam sua própria episteme, ou seja, são capazes de explicar a si mesmos e aos acontecimentos dos quais são protagonistas. Segundo aponta,

*A informação e a comunicação se transformam em um novo lugar de conflito constituinte de ações coletivas, ao passar por estes ditos processos/espacos as possibilidades de disputar e mudar os códigos de leitura do social assim como insumos fundamentais para a construção de projetos políticos coletivos (...). [Em um] contexto de alta densidade informacional emergem as vinculações com as novas tecnologias, com buscar informação e difundir-la através da Internet, as páginas de contra-informação assim como a possibilidade de entender que a própria prática comunicacional se transforme em um novo modo de grupalidade (Aguilera, 2008, p.42; tradução e grifo nossos).*



**COMUNICON 2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

O que desejamos enfatizar, com o auxílio desta leitura, é o fato de os ativismos contemporâneos (em sua dimensão local, mas também em seu lastro mundial) constituírem um importante modo de “repossessão” juvenil, de ocupação de seus próprios corpos, de criação de suas próprias soluções e arranjos identitários, de afirmação e compreensão do mapa de tensões e ambiguidades com que se deparam cotidianamente. Além disto, esta emergência (auto-discursiva) do juvenil, permite que nos aproximemos a uma perspectiva alternativa de abordagem crítica de um capitalismo que é a um só tempo cognitivo, criativo, imagético, tecnocêntrico, farmacopornográfico e subjetivista. Esta aproximação nos permite tomar as narrativas ativistas como núcleos paradigmáticos dos enfrentamentos, negociações e resistências possíveis à força centrípeta das estruturas e sistemas econômicos, estes que, dia após dia, alicerçam-se em redes simbólicas e congregam potentes núcleos de abstratificação.

### **Epistemes ativistas, juvenis e comunicacionais**

Tendo este cenário no horizonte, é que focalizamos um debate epistêmico. À *episteme ativista*, propomos relacionar outra abordagem epistemológica. É-nos especialmente útil a leitura proposta por Quiroga (2013) em seu esforço notável em postular a pertinência de guiarmos a comunicologia – ou as ciências da comunicação, como costumeiramente a chamamos no Brasil – em direção a circunscrever criticamente a *episteme da comunicação*. Interessa-nos retomar especificamente, para os fins deste argumento ora desenvolvido, a análise que faz o autor da relação entre globalização e episteme comunicacional.

Dialogando com Milton Santos e Muniz Sodré, Quiroga entende vivermos, com a globalização e a crescente financeirização do sistema capitalista, um arranjo nunca antes visto entre materialidades tecno-comunicacionais e temporalidades hiper-velozes, fazendo da crise uma contingência – e permanência – estrutural (Quiroga, 2013, p.68). A experiência política se tornaria monocórdica, ressoando em unívoco o império e o imperativo dos interesses e da iniciativa privados:

[retira-se] vitalidade do espaço social, regulando tudo e todos segundo uma lógica de rentabilidade que visa corresponder aos padrões de eficiência e produtividade do mercado. (Quiroga, 2013, p.70).



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

E este “fetiche da eficiência” o horizonte por ele enfrentado, assim como a ideia de uma comunicação generalizada e compulsória como utopia reiterada. Estudando a centralidade da técnica na constituição de uma episteme da comunicação, detêm-se nos

impactos que uma *enunciação normatizada*, principal tessitura e revestimento da fundação do novo regime, produziria sobre a linguagem, em especial no que se refere a sua constituição como fundamento do modelo de verdade que se inaugura com o advento urbano. (Quiroga, 2013, p.226).

Assumindo nosso interesse pela força enunciativa plural e combinatória que articula a episteme ativista juvenil, nela localizamos uma certa arte do fazer, bricoladora, que, partindo das tecnicidades (Martín-Barbero, 2004) como dado e das experiências coletivas como desejo e paradigma, desenha o que uma de nossas ativistas descreve como uma disputa política que é também uma disputa por narrativas. Nestas utopias presentes, o embate é simbólico, mas também está impregnado no cotidiano, lugar por excelência da introjeção do assujeitamento, mas, igualmente, espaço-tempo das contracorrentes, das corporalidades insubordinadas, dos pensamentos desviantes, das subjetividades que sabem, benjaminianamente, que há que se ter muita instrução para ser errante. Com a mesma inspiração, nos deslocamos no oceano das falas ativistas, as quais nos inspiram a recolocar perguntas e problemas na reflexão sobre a episteme comunicacional e os sentidos políticos articulados às juventudes, dialogando com as profundas transformações sociais, culturais e afetivas que atravessam as paisagens contemporâneas (Reguillo, 2017).

## Referências

AGUILERA, Oscar. **Movidas, movilizaciones y movimientos**. Cultura política y políticas de las culturas juveniles en el Chile de hoy. Universitat Autònoma de Barcelona. Departament d'Antropologia Social i Prehistòria. Tesis de Doctorado. Espanha. 2008.

APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Ed. Teorema, 2004.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n.11. 2013. p. 89-117.

BHABHA, Homi. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

BORELLI, Silvia; ROCHA, Rose de Melo; OLIVEIRA, Rita. **Jovens na cena metropolitana: percepções, narrativas e modos de comunicação**. São Paulo: Paulinas, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.



**COMUNICON 2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

CERBINO, Mauro. Movimientos y máquinas de guerra juveniles. **Nómadas**. Bogotá, n. 23, 2005. p. 112-121.

DUNKER, Christian. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**. Uma psicopatologia do Brasil entemuros. São Paulo: Boitempo, 2015.

FERNANDES, Cintia e HERSCHMANN, Micael. Usos da cartografia nos estudos de comunicação e música. **Fronteiras – estudos midiáticos**. 17(3) 2015. p. 290-301.

FEIXA, Carles. **De la generación @ a la generación #** - la juventude em la era digital. Barcelona: Ned Ediciones, 2014.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. ¿De qué hablamos cuando hablamos de resistencia? **Estudios Visuales**. Ensayo, teoría y crítica de la cultura visual y el arte contemporáneo. n.7, CENDEAC. 2009. p. 16-37.

GARCIA CANCLINI, Nestor; URTEAGA POZO, Maritza; CRUCES, Francisco. (Eds.) **Jóvenes, Culturas Urbanas y Redes Digitales**. Madri: Ariel/Telefônica, 2012.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Mana**. n.3 v.1. 1997. p 7-39.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade** - presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2013.

LEETOY, S. Notas sobre modernidad, decolonialidad y agencia cultural en Latinoamérica. **Chasqui - Revista Latinoamericana de Comunicación**. n.º 131. 2016. p. 47-62.

Disponível em: <http://www.revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/2691/pdf> Acesso em set 2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Jóvenes entre el palimpsesto y el hipertexto**. Barcelona: Ned Ediciones, 2017.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Oficio de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

MENEZES, Jose Eugenio. **Cultura do ouvir e ecologia da comunicação**. São Paulo: Uni Editora, 2016.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo I: Neurose**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006.

PEREIRA, Simone Luci. Circuito de festas de música “alternativa” na área central de São Paulo: cidade, corporalidades, juventude. **FAMECOS – mídia, cultura, tecnologia**. v.24, n.2. 2017

PEREIRA, Simone Luci. Música e migrações em tramas interculturais – análise de uma escuta. In: MELLO, Z. et al (orgs.) **História, cultura, memória e oralidade**. Fortaleza: Ed. UECE, 2014.

PEREIRA, Simone Luci. Sobre a possibilidade de escutar o outro: voz, world music e interculturalidade. **E-COMPOS - Dossiê Som, música e comunicação**. Brasília. n. 15. 2012.

PRADO, José Luiz Aidar. Comunicação como epistemologia do Sul: do reconhecimento à emergência do acontecimento. **Matrizes**. São Paulo, n.9, v.2, 2015.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

PRECIADO, Paul Betariz. **Texto yonqui**. Sexo, drogas y biopolítica. Buenos Aires: Paidós, 2014.

QUINTERO RIVERA, Angel. **Cuerpo y cultura** – las musicas “mulatas” y la subversión del baile. Madrid: Iberoamericana, 2009.

QUIROGA, Tiago. **Pensando a episteme comunicacional** [online]. 2nd ed. Campina Grande: EDUEPB, 2013. Substructum collection. 410 p. ISBN 978-85-7879-280-0. Available from SciELO Books.

REGUILLO, Rossana. **Estrategias del desencanto** - Emergencia de culturas juveniles. Bogotá: Norma, 2000.

REGUILLO, Rossana **Paisajes insurrectos: jóvenes, redes y revueltas en el otoño civilizatório**. Barcelona: Ned Ediciones, 2017.

RICOEUR, Paul. **Temps et Récit**. Paris: Seuil, 1985.

ROCHA, Rose de Melo. **Estética da violência: por uma arqueologia dos vestígios**, Tese de doutorado. ECA/USP, 1998.

ROCHA, Rose de Melo. Culturas juvenis, consumo e politicidades. Uma abordagem comunicacional. In: VITORINO, Inês (org.). **Comunicação, cultura e cidadania**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

ROCHA, Rose de Melo. Eram iconoclastas nossos ativistas? A representação na berlinda e as práticas comunicacionais como formas (políticas) de presença. In: JESUS, E.; JANOTTI, J.; TRINDADE, E.; ROXO, M. (orgs). **Reinvenção comunicacional da política**. Salvador: UFBA/Compós, 2016.

SERRANO AMAYA, Jose. **Menos querer más de la vida** – concepciones de vida y muerte en jóvenes urbanos. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2004.

SOARES, Thiago. Enfrentamentos políticos e midiáticos de fãs de música pop em Cuba. **LOGOS 45** v.23, n. 2. 2016.

VILA, Pablo. Identidades narrativas y música - una primera propuesta para entender sus relaciones. **TRANS (Revista Transcultural de Música - Transcultural Music Review)**. Barcelona, n.2. 1996.